

**MODERNIDADES NOS JORNAIS DE SÃO LUIS:
Impactos e narrativas das inaugurações dos edifícios institucionais
(DNER e INSS), residenciais (Caiçara e São Marcos) e da ponte São
Francisco.**

Martins Lago, Victor. (1); Mendes Ferreira, Ingrid. (2); Soares Pflueger, Grete. (3)

1. Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Graduando em Arquitetura e Urbanismo
Rua San Diego, nº 11
vmartinslago@gmail.com

2. Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Graduanda em Arquitetura e Urbanismo
Rua 142, nº 06
ingridmenfe@gmail.com

3. Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Professora Adjunta III do Curso de Arquitetura e
Urbanismo
Rua da Estrela 472.
gretepfl@gmail.com

RESUMO

Buscar a modernidade sob a perspectiva dos jornais maranhenses nos possibilitou ver como a arquitetura e a tipologia do moderno é explicada e repassada para a população Ludovicense. Entendendo o jornal impresso como uma importante ferramenta para a formação de opinião, percebemos o mesmo como um canal fácil para estimular o sentimento de apropriação do homem em relação ao edifício e ao espaço, combatendo de frente muitos processos, como a descaracterização em que algumas obras são submetidas puramente por falta de informação ou vínculos. A chegada da arquitetura do século XX, no centro histórico de São Luís, causou impacto e trouxe modernidade ao centro colonial, inserindo as pontes, os edifícios modernos institucionais e residenciais e mesmo as novas tipologias arquitetônicas da modernidade. Os jornais trazem esta expectativa e novidade relatando o impacto da inauguração de cada uma destas obras modernas. O objetivo deste artigo é analisar a evolução do moderno e o impacto que esse modernismo teve sobre a cidade de São Luís do Maranhão, mediante a visão dos jornais da época, constantes nos acervos antigo e atual da Biblioteca Pública Municipal Benedito Leite debatendo a questão da preservação da arquitetura do século XX.

Palavras-chave: Jornais; Arquitetura Moderna; Preservação da Arquitetura do Século XX.

1. Introdução

A chegada do novo, nas suas mais diversas formas, sempre empolgou o homem, o animou e o fez aspirar por novos dias. Mas de certa forma, essas novidades atrapalham as relações do indivíduo com o que já é passado. A criatura, embalada pela excentricidade, pela modernidade, acaba por esquecer de que o passado um dia já foi novidade, acaba por desdenhar a importância de algo que talvez já seja considerado antiquado. Charles Baudelaire fala justamente dessa fluidez que é o moderno: “A Modernidade é o transitório, o efêmero, o contingente, é a metade da arte, sendo a outra metade o eterno e o imutável” (Baudelaire, 1996, p.25). Trazendo para a arquitetura, as pessoas são surpreendidas todos os dias pela contemporaneidade, a cada dia surge uma tendência nova, uma composição nova, de modo que o olhar para o que já foi edificado no século passado acaba sendo ofuscado. Os jornais foram um importante instrumento de divulgação de ideias e fatos no século XX, bem como sua relevância na construção de discursos e narrativas. Aqui, destacamos Foucault (1996), que vê no discurso algo de material, algo poderoso:

“Suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.” (Foucault, 1996, p.08)

É quase inevitável esquecer de que o acervo moderno, a arquitetura do século XX, um dia já foi novidade para uma geração, um dia já empolgou, nutriu sonhos e também causou polêmica quando foram inseridos no centro histórico colonial. Exercitar esse olhar ajuda a gerar, pouco a pouco, um esmero, um sentimento de apropriação pelo que já foi produzido. Quem se apropria, passa a cuidar dessa arquitetura.

É de extrema importância resgatar essa visão que uma geração inteira teve mediante o moderno. Recuperar nem que seja só um pouco dessa atmosfera que embalou o século XX na cidade de São Luís, com toda certeza inspirará no cidadão o respeito e a relevância que a tipologia do moderno tem para a cidade. A melhor forma que se encontrou de observar e de entrar em contato com esse meio foi através dos jornais que circularam a partir do ano de 1930, na cidade de São Luís. Para isso, consultamos o rico acervo da biblioteca pública Benedito Leite e o acervo digital da Biblioteca Nacional. Os impressos constituem uma das melhores fontes de pesquisa, por eles temos contato direto com cotidiano da época, com a

política vigente e principalmente, nos apresentam informações sobre os edifícios, que nenhum registro de imóvel, planta ou memorial descritivo podem nos passar. Estes apresentam uma narrativa técnica e, na maioria das vezes, tratam o prédio como um material isolado. Já os jornais, são a narrativa de quem observa e vive a cidade, é o olhar que talvez mais se aproxime com o do povo.

2. Contexto urbano da modernidade nos jornais e os edifícios modernos no centro histórico de São Luís

A cidade de São Luís foi marcada pela inserção da arquitetura moderna no início da década de 30, quando foram construídos, dentro do conjunto tombado, alguns edifícios modernistas para abrigar sedes de órgãos governamentais de instituições federais tais como: CORREIOS, DNER, INSS. Bruand (1991), quando explica o surgimento do movimento moderno no Brasil, mais precisamente pela inserção da obra de Gregori Warchavchik, acaba por conceituar essa arquitetura aqui estudada:

“Arquitetura prática e econômica, de volumes e linhas puras, onde os elementos decorativos fossem reduzidos ao mínimo e correspondessem a uma função, sem jamais esconder a estrutura do edifício.” (Bruand, 1991, p.64)

A maneira como essas transformações foram transmitidas, de certa forma, não correspondiam totalmente ao modo que a população absorvia esse novo. Os jornais apresentavam a visão geral da população, que, na maioria das vezes, era de entusiasmo. De fato, o novo empolga, mas também assusta. Houveram casos específicos, que demonstraram como a população sentiu, de forma mais profunda, o que é a modernidade, como os que ocorreram com os moradores do primeiro Edifício residencial da cidade, sofreram justamente por que essas mudanças construtivas interferiram diretamente nas relações sócio comportamentais.

Não era objetivo dos jornais repassar essa visão mais profunda da população acerca dos novos edifícios, mas sim demonstrar que a cidade estava recebendo um novo marco na história, de forma que se limitava a comunicar e informar o surgimento deste novo edifício de forma a exaltar esse novo modo de construir e de viver, gerando conflito entre a população e as inovações. Outra questão é que não havia a preocupação de retratar a visão dos responsáveis pelos projetos. Os engenheiros e arquitetos não passavam de nomes nas matérias. A questão de funcionalidade dos espaços, das mudanças internas dos ambientes e da conduta e postura dos moradores não eram divulgadas nos jornais.

Com o caminhar da pesquisa, começamos a perceber uma característica comum dos impressos ao falarem do moderno. Essas modernidades, veiculadas pelos jornais de São Luís, continham um caráter mais político. Era notável que os jornais não tinham o objetivo de instruir a população acerca do movimento moderno, nem se preocupavam em detalhar as características desses novos edifícios. Apareciam nas notícias esses pontos, mas não era o foco. As modernidades eram tratadas como a materialização de algum projeto político. Aqui, vale citar, que as renovações urbanas, demolições e novas construções feitas no período da era Vargas, entre 35-47, no maranhão, na intendência de Paulo Ramos, refletiam essa vontade política de renovar, crescer, construir, seguindo a capital Rio de Janeiro. Por isso que era comum notar que a notícia dava mais ênfase a quem estava trazendo esse novo empreendimento do que o próprio empreendimento. “No fundo, foi o jornalismo – invenção fundamental do século XIX – que manifestou o caráter utópico de toda esta política do olhar” (Focault, 1979, p.224). As novidades do modernismo maranhense eram repassadas para a população com adjetivos que, conferiam, ao edifício, caráter de imponência e suntuosidade e conseqüentemente, enaltecendo quem estava responsável por sua consumação. Apresentando assim, à cidade, um novo jeito de morar e trabalhar. Essa sombra da política pairava sobre os jornais com tanta expressão, que é evidente, até na forma com que o Jornal O Imparcial explicou o concreto armado como novo método construtivo:

“ Depois, trabalhos continuados e veremos como o cimento e o ferro, um soberano a tração e outro á compressão, vão unir-se, na mais tocante das afinidades, fazendo surdir a estrutura de concreto armado, orgulho da architectura moderna, como o civil e o soldado, abrigados á ela, argamassados pelo espirito de ordem e disciplina, preparam também, numa estrutura, a estrutura cívico-moral para a defesa da Nação brasileira. ” (Jornal O Imparcial, 1939, p.02)

Em meio a todo esse processo, notar a forma como as pessoas pulsaram e se alegraram com a chegada de novos empreendimentos prendeu nossa atenção. O jeito curioso que os populares os adjetivaram e a forma com que os jornais noticiaram as inaugurações do DNER e do edifício João Goulart contribuíram também para entender essa atmosfera que cercava a cidade. Em 27 de Setembro de 1958, era noticiado nas folhas a inauguração da nova sede do DNER (Departamento Nacional de Estradas e Rodagens), localizado na Avenida Beira Mar. Este, recebeu pelos jornalistas títulos de imponente e suntuoso edifício moderno. É interessante perceber como esse novo estilo de edifício, feito em concreto armado

e marcado por linhas retas empolgou a cidade, sendo sua inauguração retratada como um grandioso evento: “Está assim organizado o programa que marcará a passagem de tão grandioso evento. [...] Tudo faz crer que esse acontecimento marcará época na História do Maranhão.” (Jornal Pequeno, 1958). Muitos engenheiros de outros estados vieram para São Luís prestigiar o acontecimento. Foi o caso do Engenheiro Edmundo Regis Bittencourt (Diretor Geral do DNER) e Carlos Pires de Sá (Diretor da Divisão de Construção e Conservação do DNER) tratados como ilustres visitantes pelo Jornal Diário da Manhã em 27 de Setembro de 1958.



Figura 01 – Trecho do Jornal Pequeno – Setembro/1958. Fonte: Acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite.



Figura 02 - Jornal O Combate - Dezembro/1958. Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional

Estudar a modernidade e as inaugurações desses novos edifícios, por meio dessas publicações, e constatar todo esse clima de progressividade, de anseio pelo crescimento da cidade e ver o entusiasmo das pessoas diante do novo, de certa forma empolga quem lê também. As notícias permitem participar daquele momento que passou, como se estivessem acontecendo no presente momento. É curioso ver que a construção da sede do DNER, nas matérias pesquisadas, foi recebida e retratada nos jornais com um júbilo maior dos que noticiavam a inauguração do Edifício João Goulart, no ano seguinte. O que é inusitado se levarmos em conta as proporções dos dois projetos. Se compararmos a notícia da inauguração do DNER com a notícia do Jornal Diário da Manhã de 1959, que descreveu bem o edifício do I.A.P.I (Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários), vamos perceber que a empolgação pelo prédio de 13 andares não era a mesma. Caracterizado por ser o primeiro arranha céu de São Luís, também tendo como responsável a Construtora Caiçara Ltda., tendo como sócios os arquitetos João Batista Romey e Tareisa Ferreira. A matéria em questão anunciou a futura inauguração do prédio, informando a população sobre o novo estilo do prédio, como pode ser visto neste trecho no jornal, com o título da notícia, "Construtora Caiçara Ltda. dá dimensão moderna a São Luís":

“[...]S.Luís em meio aos sobradões coloniais oferece agora dimensão arquitetônica moderna a quem a visita. [...] . [...] E todo revestido de pastilhas, com esquadrias externas de alumínio andonizado e soleiras e peitoris de mármore. Os pilotis são revestidos de granito apicoado. [...]”
(Jornal Diário da Manhã, 1959)



Figura 03 – Jornal Diário da Manhã – Setembro/1960. Fonte: Acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Com a construção do edifício João Goulart, que inicialmente funcionou como I.A.P.I, houve um contraste significativo no panorama da avenida Pedro II, modificando o seu skyline, que saíria do padrão convencional dos casarões coloniais para um edifício de 13 andares, com 42 metros de altura. Que recebeu o adjetivo de suntuoso, pelo jornal Diário da Manhã, de 1960, relacionando o moderno à uma majestosa e luxuosa, que alinhava as novas técnicas construtivas, firmando esse novo modo de edificar.



Figura 04 – Jornal Diário da Manhã – Fevereiro/1959. Fonte: Acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

São Luís, ao passar por essas reformas em sua paisagem, sofre com a demolição de muitos casarões e construções anteriores ao século XX. Refletimos aqui sobre Harvey (2011), em seu livro: O enigma do capital, no capítulo: a destruição criativa, em que o velho tem que ser destruído para dar lugar ao novo. Ele explica que: “A criação e recriação de relações de espaço cada vez mais novas para as interações humanas é uma das conquistas mais marcantes do capitalismo.” (Harvey, 2011, p. 155). Para a construção do edifício Caiçara, tiveram que ocupar o terreno onde existia a Igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Mulatos, construída no século XIX, demolida devido a uma série de acidentes que ocorriam no local devido a sua proximidade com o bonde elétrico que ali passava. Juntamente a ela houve a demolição de muitos prédios antigos e, como resultado, houve o alargamento das

vias locais. O próprio edifício João Goulart, foi construído no lugar onde funcionou a administração dos correios, no Maranhão. Essas transformações, ocorridas no século XX, além de alterarem a paisagem da Ilha, alteravam o cotidiano dos moradores. Astolpho Henrique de Barros Serra relata, na coluna Cartaz, do jornal O Imparcial, o que ele chama de “novo movimento de vida moderna”:

“Aqui já não se ouve mais o grito característico da vendeira do arroz de cuxá, nem se vêem esses professores de rabona e meninas anêmicas dos tempos da beatice. A cidade vive a sua vida meio trepidante, com os seus rádios e altos-falantes e anuncios luminosos, com os seus bungolows e os autos de luxo...” (Coluna Cartaz, O Imparcial, 1938, p. 08).



Figura 05 – Foto Panorâmica Da Beira Mar São Luís. Jornal O Imparcial –Maio/2013. Fonte: Acervo Pessoal.

É interessante perceber que esse mesmo movimento que a cidade estava passando naquele século, de mudanças e de descaracterização de edifícios antigos, se repete hoje. O que era o novo, naquele tempo, essa arquitetura do Século XX é acometida, agora, por uma onda de abandono e esquecimento. Principalmente as residências que ficam na Avenida Getúlio Vargas, no bairro do Monte Castelo. Isso se deve pela não valorização da importância histórica e arquitetônica desses edifícios por parte dos governos municipal, estadual, federal e da própria população.

“O maranhense tem um praser quase volúpia, em aniquilar o que é seu, o que é da terra, nos seus valores, nas suas realizações, muito embora transfigure em deuses a estranhos que não se sabe de onde vêm!” (Coluna Cartaz, O Imparcial, 1938, p. 08)

O Bairro do Monte Castelo, eixo de expansão moderna, teve a sua história brevemente contada pelo jornal O Estado do Maranhão, que no ano de 2015 fez uma série de matérias especiais sobre bairros tradicionais da cidade de São Luís. A ocupação do bairro começou no início do século XX e era conhecido como Areal. Luiz Eduardo Neves dos Santos, nessa mesma matéria, explica que: “A denominação Areal advém do fato de ter existido no local uma grande quantidade de areia, que se estendia desde o leito maior do Rio Anil – por causa do processo de sedimentação – até as partes topograficamente mais altas”. Com o crescimento do bairro, a questão do areal passa a ser um problema enfrentado pela população. Em nossas pesquisas, encontramos uma coluna do Jornal Pequeno, de setembro de 1958, que fala justamente das ruas cheias de terra e lamacentas em meio as linhas modernas das residências: “A contradição é grande, enquanto particulares levantam prédios bonitos que representam um orgulho para a cidade a Prefeitura deixa as ruas esburacadas e cheias de Lama. [...] em cima linhas modernas e elegantes. Em baixo muita imundice que o prefeito não vê.”



Figura 06 – Trecho do Jornal Pequeno – Setembro/1958. Fonte: Acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Enquanto o bairro do monte castelo se consolidava como eixo residencial, surgiu dentro do centro histórico, em 1960, na tradicional Rua Grande, o primeiro edifício residencial multifamiliar, o Caiçara. O surgimento do edifício residencial é conceituado por Segawa (1999) como um desafio: “enquanto solução para a habitação no Brasil, o edifício em altura era um desafio para uma sociedade que desconhece esse modo de vida, tido como promiscuo”.

(Segawa, 1999, p.64). O edifício Caiçara, teve com a sua implementação, uma modificação no padrão residencial que envolvia desde os espaços internos aos externos. O Jornal O Imparcial, que circulou no dia 04 de janeiro do ano de 1933, vai falar de um aspecto em que a arquitetura moderna interferiu na casa, tal afirmação não descreve a visão geral, porém retrata a transição no uso dos espaços:

“Antigamente, as casas eram amplas. Casas para famílias. Casas onde havia pundoonor. A arquitetura moderna reduziu a casa a um local que só serve para dormir.” (Jornal O Imparcial, 1933, p.04)

O Caiçara é caracterizado pelos seus traços modernos, utilizando linhas retas, revestido com pastilhas, sobre colunas e pilotis de concreto armado, conforme descrito em seu registro de imóveis. (Certificado de Averbação do Edifício Caiçara. São Luís 1967). De acordo com Barros (2001), a Caiçara ficou marcado por três suicídios que trouxeram uma fama de maldito ao prédio. O Guia de São Luís (2008) vai falar que essas ocorrências eram uma forma de reação à nova forma de habitar e viver que o Caiçara apresentava. Através da entrevista feita sobre o edifício Caiçara, por Barros (2001), é possível perceber o deslumbre que os moradores da época tinham quando estavam diante do edifício:

“Bem, nós tínhamos a alegria de ver o povo parar em baixo, parar na Rua Grande para olhar o prédio, admirando! Ninguém sabe a ideia de cada um, mas muita gente parava para ver o prédio. Nós temos um conjunto residencial e lá nos víamos que o povo descia, o povo vinha da periferia da cidade pra ver o prédio, pra ver a construção. O prédio subindo, dez andares, foi um fenômeno na época, o primeiro prédio feito aqui (este tipo de construção), não resta a menor dúvida”. (Carvalho 1998, apud BARROS, 2001, p.37)

O Jornal Diário da manhã, de 1965 irá citar, de forma breve, a inauguração do prédio, colocando a construtora Caiçara em evidencia para a construção de mais um prédio no estilo moderno.

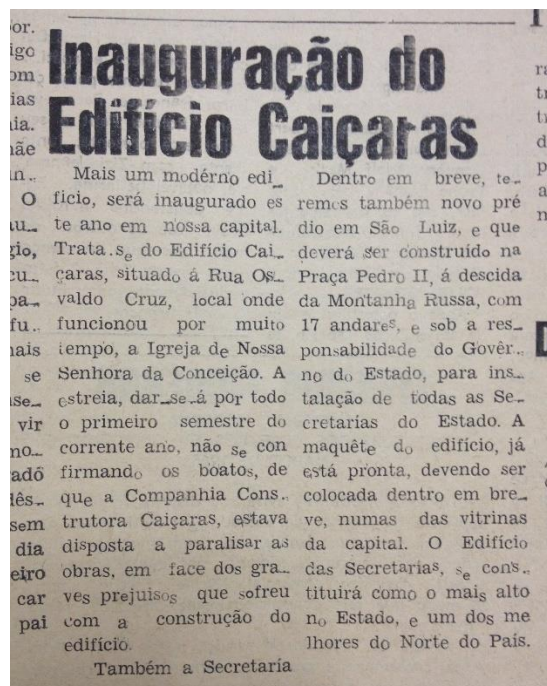


Figura 07 – Trecho do Jornal Diário da Manhã – Fevereiro/1965. Fonte: Acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite

Mesmo com as modernidades instaladas dentro do centro, a cidade precisava alcançar as praias e mudar seu eixo de crescimento e, nesta perspectiva, surge a ponte sobre o rio Anil, ligando o centro ao bairro do São Francisco, em 1970. Por certo, a novidade do concreto armado possibilitou novos estágios a serem alcançados pela arquitetura e também novas aspirações, bem como o espírito de ordem e disciplina que envolvia a cidade naquela época, que inspirava e alimentava nos cidadãos e governantes novos sonhos de progresso. Era o caso da ponte do São Francisco, um anseio de gerações desde o surgimento do Plano de Expansão Urbana do engenheiro Ruy Mesquita de 1958. Jornais como O Jornal do Maranhão (1970) e o Jornal Pequeno (2016) descrevem, exatamente, essa expectativa que a população sempre teve por haver uma ligação entre o centro da cidade e a Vila de São Francisco, hoje bairro do São Francisco.



Figura 08 –Inauguração da Ponte São Francisco. Jornal O Estado do Maranhão – Fevereiro/2013.

Fonte: Acervo Pessoal.

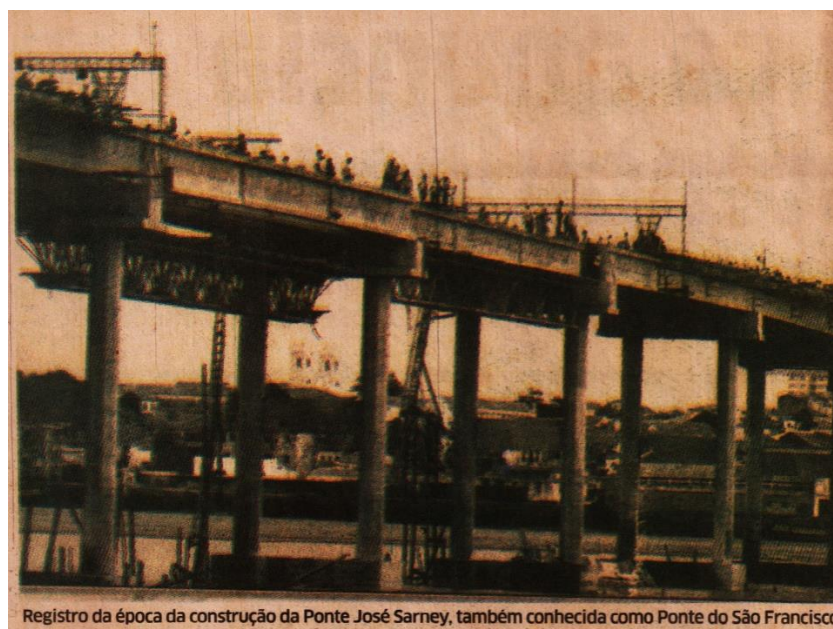


Figura 09 – Construção da Ponte São Francisco. Jornal O Estado do Maranhão – Fevereiro/2013.

Fonte: Acervo Pessoal.

De acordo com Barros: “O editorial do jornal “O Imparcial” do dia de inauguração da ponte registrou que essa não era a maior ponte feita pelo governo. Em 1966, quando José Sarney assumiu o cargo de governador, iniciou-se a edificação, em abstrato, de uma ponte capaz de ligar o passado ao futuro, a ponte da esperança. ” (Barros, 2001, p. 66). Foi no fim do Governo Sarney e executada pela Construtora Itapuã, que a ponte foi inaugurada em 1970, trazendo não só o avanço para cidade, mas a segregação de comunidades que habitavam os mangues da área do São Francisco e da Ponta d’Areia.

“A ponte sobre o rio Anil que liga a cidade de La Ravardière com a vilinha de São Francisco, fundada há uns oito anos atrás, no dia 31 dêste, será inaugurada para dizer a esta geração e a gerações futuras, do seu incomensurável valor – uma obra que no passado foi utopia e que no presente é uma realidade crua e nua. ” (Jornal do Maranhão, 1970)

Quatro anos após a construção da ponte do São Francisco, o bairro Monte Castelo vai vibrar ao receber a construção do segundo edifício residencial da cidade, o Edifício São Marcos. “Inaugurado em 1974, com 10 andares e quatro amplos apartamentos por andar, o prédio atraiu a classe média da cidade, que se expandia para além do eixo-Centro Histórico. ” (O Estado do Maranhão, 2015, p.02). Foi o início da verticalização do bairro e da sua fase de maior desenvolvimento onde o bairro recebeu obras para a melhoria de sua infraestrutura, como a instalação da rede elétrica de 220V e pavimentação em suas avenidas e ruas. Com o tempo, a paisagem do Monte Castelo era alterada e mais uma vez a modernidade modificava o modo de vida dos habitantes. Uma curiosa nota, parabenizando a empresa Marvesa (responsável pela obra do Edifício São Marcos), é publicada no Jornal Pequeno em 12 de agosto de 1974, considerando a empresa colaboradora, no que o jornal chama de a “luta pelo progresso de São Luís, “a pequena cidade de palácios de porcelana”. ”. Constatamos agora que o progresso já não é um movimento tímido na cidade, mas um empenho e um esforço concreto de líderes e moradores.



Figura 10 – Edifício São Marcos. Jornal O Estado do Maranhão – Janeiro/2015. Fonte: Acervo Pessoal.

3. Conclusão

É possível perceber, através da análise dos jornais impressos uma relação, existente no imaginário popular da época, entre o estabelecimento de edificações do estilo modernista e o sentimento de desenvolvimento e progresso da capital maranhense. Conseguimos perceber que esse anseio por melhorias começa de uma forma um tanto acanhada, constrangida e à medida que as pessoas vão percebendo as transformações na paisagem e nos edifícios e à medida que vão tendo suas rotinas e costumes transfigurados, o sonho de progresso toma proporções extraordinárias. Quase como se a presença de um novo estilo arquitetônico e técnicas construtivas alinhasse São Luís a uma realidade de renovação já atuante no resto do país. São Luís de fato, dentro de sua particularidade, passa a viver os mesmos sonhos das outras cidades brasileiras.

A partir disso, constatando que, de fato, o surgimento da arquitetura moderna impactou toda uma geração, e marcou a história da cidade e de muitas famílias, não podemos ignorar o fato de que, é de extrema necessidade, que esse acervo moderno, que se destaca e

sobressai na paisagem da cidade, precisa ser preservado. Fomos percebendo que a maior parte das matérias dos jornais pesquisados e que datam do intervalo de 1930 a 1970 não apresentam uma preocupação tão grande com a preservação de edifícios, talvez seja um reflexo do coletivo da época. Essa característica vai ser vista mais facilmente, mas ainda timidamente, nos impressos mais novos, já do século XXI. O processo que a cidade vive nos dias de hoje, de não apropriação pela modernidade, de descaracterização dos edifícios, abandono, falta de interesse e de informação acarretam em um movimento de perda que não envolve somente bens materiais, mas também sonhos e memórias.

4. Referências Bibliográficas

- BARROS, Valdenira. **Imagens do Moderno em São Luís**. São Luís, 2001.
- BAUDELAIRE, Charles, 1821-1867. **Sobre a modernidade o pintor da vida moderna** / Charles Baudelaire; [organizador Teixeira Coelho]. — Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BENÉVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna**. Ed. Perspectiva. São Paulo, 1976.
- BRUAND, Yves **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. Ed. Perspectiva, São Paulo. 1991.
- CAVALCANTI, L. A. P. **Moderno e Brasileiro**: a história de uma nova linguagem na arquitetura (1930 - 1960). Rio de Janeiro: Zahar editora, 2007.
- _____. **Quando o Brasil era moderno**: Guia de arquitetura brasileira, 1928-1960. 2. Ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001. V. 1. 467 p.
- CORBUSIER, Le. **Por uma Arquitetura**. São Paulo, Ed. Perspectiva. 1989
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**; tradução de Roberto Machado. 14. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**; tradução de Laura Fraga. 5 ed. São Paulo: Loyola, 1996

HARVEY, David, 1935 - **O enigma do capital: e as crises do capitalismo**/ David Harvey; tradução de João Alexandre Peschanski. – São Paulo, SP: Boitempo, 2011

PFLUEGER Grete e LOPES, Jose Antônio. Arquitetura do século XX in **São Luís – Ilha do Maranhão e Alcântara: Guia de Arquitetura e Paisagem**. 1 ed. (bilíngue). Sevilla: Dirección General de Arquitectura y Vivienda, 2008. 448 p.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil: 1900-1990**. São Paulo: EDUSP, 1999.

4.1. Acervos consultados:

Biblioteca Nacional Site: <https://www.bn.gov.br/hemeroteca>

Biblioteca Pública Benedito Leite Site:
<http://www.cultura.ma.gov.br/portal/bpbl/acervodigital/>

4.2. Periódicos:

A CONTRADIÇÃO é grande. *Jornal Pequeno*. São Luís, 24 de setembro de 1958.

COLUNA cartaz. *Jornal O Imparcial*, São Luis, 8 de abril de 1938.

CONSTRUTORA caiçara Ltda. Dá dimensão moderna a São Luís. *Jornal Diário da Manhã*, Maranhão, 2 de fevereiro de 1959.

INAUGURAÇÃO do edifício Caiçaras. *Jornal Diário de Manhã*. São Luís, 7 de fevereiro de 1965.

INAUGURAÇÃO solene da nova sede do 15º D.R do D.N.E.R. *Jornal Pequeno*, Maranhão, 27 de setembro de 1958.

PONTE José Sarney transformou a visão da população do Maranhão. *Jornal O Estado do Maranhão*. São Luís, 17 de fevereiro de 2013. Geral, p.8.

O LAR e o sentimento religioso. *Jornal O Imparcial*. São Luís, p.4, 4 de junho de 1933.

O NOVO quartel federal. *Jornal O Imparcial*, Maranhão, 26 de dezembro de 1937

SL ganha passeio náutico. *Jornal O Imparcial*. São Luís, 5 de maio de 2013. Lazer, p.2.

SOLENE inauguração do suntuoso edifício João Goulart. *Jornal Diário da Manhã*, Maranhão, 20 setembro de 1960.

ARQUITETURAS E CIDADES AMAZÔNICAS:
OS SENTIDOS DO MODERNO E OS
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

III SAMA
III SEMINÁRIO DE ARQUITETURA
MODERNA NA AMAZÔNIA
_ BELÉM, 20 A 23 DE MARÇO DE 2018 _

VULTOSAS realizações do 15º Distrito Rodoviário durante o ano de 1958. *Jornal O Combate*, Maranhão, 26 de dezembro de 1958.

III SAMA
SEMINÁRIO DE ARQUITETURA MODERNA NA AMAZÔNIA
Belém, 20 a 23 de março de 2018.